

A Historiografia do Carnaval de Pelotas: dialogando com imagens momescas

Everton Lessa da Silva

Resumo: Este texto é uma abordagem da relação entre imagem e a história do carnaval da cidade de Pelotas. O objetivo deste artigo é analisar de forma comparativa a narrativa do carnaval deste município por meio de fotografias, apresentando como escala peculiar de análise a evolução do carnaval brasileiro. Paralelamente, ao longo do texto, ponderam-se peculiaridades e similaridades da festa deste município com os folguedos de São Paulo e Porto Alegre. Como referência bibliográfica e teórica utiliza-se autores memorialistas da história da cidade que abordaram o assunto de forma direta e indireta em seus trabalhos, além de outros da historiografia brasileira como: Olga Rodrigues de Moraes Von Simson (Carnaval em Branco e Negro) Alexandre Lazzari (Coisas para o povo não fazer, carnaval em Porto Alegre 1870-1951) Felipe Ferreira (O livro ouro do carnaval Brasileiro) Maria Cavalcanti (Carnaval em múltiplos planos). A metodologia aplicada nesse estudo compara as imagens produzidas durante os festejos em Pelotas, procurando, de certa forma, compreender a inserção da cidade Sul-rio-grandense dentro das atividades momescas do calendário nacional. A utilização de imagens não é somente mais uma fonte de estudo encontrada sobre o passado carnavalesco, mas também uma ferramenta para novas interpretações desta atividade, que cronologicamente está dividida em três grupos que, por sua vez, subdividem-se em outros. Hoje é de domínio público que o carnaval brasileiro se desenvolveu basicamente no período colonial como uma herança da cultura de Portugal e da África, o entrudo. Posteriormente surge o carnaval veneziano e por fim o carnaval-espetáculo. Nos documentos iconográficos buscaram-se características distintas desses momentos, e visualizaram-se como essas reproduções marcaram gerações e hoje são passíveis de múltiplas interpretações. Embora pesquisa ainda esteja em sua fase inicial, algumas hipóteses já podem ser levantadas como, por exemplo, a possível influência cultural das charqueadas. Enquanto São Paulo sofreu a influência portuguesa na sua festa em consequência também do enriquecimento rápido trazido pela cultura cafeeira, Pelotas teve, por outro lado, nos batuques, danças e crenças dos escravos trabalhadores nas charqueadas o tom e a forma da festança, diferenciando-se assim de outras cidades brasileiras.

Palavras - chave: Imagem – Carnaval - História

“Pelotas é de Pelotas; é Filha do próprio esforço, em meio às suas dores e às suas alegrias.” (Fernando Osório)

Introdução

O texto em questão é fruto de uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso, em andamento, na licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas e também resultante de minha participação no grupo de estudos “Imagem e Teorias da História”, coordenado pela professora doutora Elisabete Leal.

O foco deste texto é observar a História do carnaval de Pelotas por meio de imagens, apresentando como escala peculiar de análise as fotografias a partir de 1880. Certamente essas representações marcam uma narrativa que hoje é passível de múltiplas interpretações. Também é objetivo comparar as imagens da festa momo desse município, com os folguedos de cidades como Porto Alegre e São Paulo. A escolha destas cidades foi por ambas serem capitais, o que agudiza as comparações com a cidade de Pelotas: uma cidade mediana no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Pondera-se que a comparação dos folguedos com outras cidades sempre foi apresentado como um comportamento natural entre os moradores do município. Os carnavalescos asseguram ainda hoje que a folia já foi à melhor do estado e a segunda melhor do país. Ao longo do texto são apresentadas algumas hipóteses de interpretação da festa, ressaltando as suas diferenças e semelhanças. Cabe afirmar ainda que a fonte principal deste trabalho foram fotografias que tiveram uma relação direta com o carnaval. Hoje essas imagens são um dos poucos registros sobre a história momesca. Elas sobreviveram ao tempo, tornando-se fontes privilegiadas na interpretação desse passado.

Também acreditamos no recurso das imagens não somente como um mero suporte visual de representação daquilo que não existe mais¹, mas como um registro possível de interpretações historiográfica sobre a festa carnavalesca. Além de serem estas um recurso didático que auxiliam no entendimento e compreensão do que foi e do que se tornou a brincadeira momesca nas cidades em análise.

O uso da fotografia como fonte de pesquisa para a história do carnaval ainda não é um estudo consolidado no meio acadêmico. Como afirmou Machado Júnior: “As Imagens fotográfica ganham significados com o passar do tempo e, relativamente, tornam-se testemunhos do passado.”² Por isso, essa perspectiva do carnaval relacionado a imagens deve num curto espaço de tempo assumir novas características.

O procedimento desse trabalho é de buscar nas pegadas deixadas por foliões, possíveis novas leituras dos registros carnavalescos. Por essa razão utiliza-se como base da pesquisa, fotografias encontradas no Laboratório de Acervo Digital da Universidade Católica de Pelotas - Acervo Nelson Nobre Magalhães; imagens dos clubes Sociais da cidade de Pelotas como Diamantinos e Brilhantes; fotorreportagem de jornais pelotenses que hoje não estão mais em circulação, como por exemplo: Cabrion, Zé Povinho e A Ventarola, todos disponíveis na Biblioteca Pública do município. Utiliza-se também de referências visuais dissertações, teses e livros publicados. Consequentemente, o desafio desse trabalho passa por etapas variadas, desde o estudo das principais obras sobre o carnaval até a busca de imagens. Graças aos registros visuais deixados por gerações passadas o trabalho vem acumulado resultados satisfatórios.

O carnaval em etapas

Em uma rápida análise nas imagens em anexo (Ilustração 1, 2 e 3) percebe-se que o carnaval pelotense não foi divergente da cronologia carnavalesca brasileira. O carnaval se desenvolveu basicamente em três etapas: o entrudo, o carnaval veneziano, e o carnaval-espetáculo como hoje é realizado pelas escolas de samba. Nas descrições das imagens encontram-se características desses momentos, que nem sempre aconteceram em períodos distintos. Em algumas ocasiões uma mesma etapa aconteceu paralela à outra.

A Ilustração 01 retrata os primórdios do carnaval brasileiro que foi fortemente marcado pela cultura portuguesa. A brincadeira do entrudo tornou-se uma característica marcante no Brasil. Em Pelotas o ato de jogar farinha ou água de cheiro em uma bisnaga no outro representava muitas vezes uma idéia de traição, a brincadeira servia como um sinônimo, uma forma silenciosa de revelar os desejos mais íntimos que durante o ano eram resguardados. Conforme registros do *Jornal Cabrion*:

(...) Há muitos maridos assim. Enquanto as mulheres correm atrás dos rapazes para molha-los, ficam elles com cara de tollos a olharem para as estrelas, Se ellas convidam os conhecidos para irem tomar matte em casa é provável que sejam os maridos quem na cosinha aqueçam a água. (...)³

O carnaval veneziano foi marcado em um determinado momento por carros enfeitados com flores que desfilavam nas principais ruas das cidades devidamente caracterizadas, conforme pode ser visto na Ilustração 02. Eram copias dos padrões do corso burguês. Tanto a sociedade pelotense quanto a paulista não fugiam a essa regra.

Já o carnaval espetáculo como pode ser visto na Ilustração 03, fotografia do ultimo carnaval da cidade de Pelotas, assumiu diferentes formas de lidar com a criatividade dos foliões. O fator financeiro é hoje o principal problema enfrentado diferenciadamente pelas cidades em questão.

Pelotas, carnaval e charqueadas

(...) A cidade teve uma formação original, dentro do estado: Foi núcleo das charqueadas. As charqueadas fazendo fortunas possibilitaram o ócio. Com o ócio veio à leitura, o refinamento, o contato com a Europa. (...) Um centro industrial e comercial, para onde os tropeiros traziam os gados. E os tropeiros, diante das carruagens, dos teatros, das modas e dos clubes, foram ficando desconfiados com um pé atrás (...) Seguimos a frente, sem deslizes, pelo caminhar decidido dos operários, dos industriais, dos estudantes, dos professores, dos intelectuais, e como é normal, tropeçando às vezes pelo passo vulgar dos bêbados, dos marginais, das prostitutas e dos efeminados...⁴

E dentro desse contexto de charqueadas e de seus personagens que o carnaval de Pelotas desenvolve uma fase marcante, que consolida a presença negra no mesmo. Enquanto São Paulo sofrerá de forma direta a influência portuguesa em sua festa⁵, aqui, os negros com seus batuques, danças e crenças darão o tom e a forma da festança. Como bem afirmou Cardoso: “A cidade de Pelotas é uma encruzilhada. Cruzada por peões, tropas, escravos, marinheiros, carreteiros, lavradores, entre outros, uma espécie cosmopolitismo popular, e assim como em Porto Alegre, apresenta também no seu núcleo os costumes europeus. Uma freguesia⁶ cercada de uma penitenciária escravocrata.”⁷

(...) Mal era meio dia, surgiram os esperados hóspedes, na maioria negros e mulatos, em geral enfeitados de trapos multicores e toda espécie de bugigangas, além disso, trazendo máscaras negras, de papel, que aplicavam ao rosto, apenas com aberturas para os olhos e nariz. Dois homens fortes carregavam um grosso pedaço de tronco oco, revestido de couro, na qual logo um deles entrou a bater com os pés como um tambor. (...) Acompanhava a música um berreiro de alegria, muito pior que o de mil papagaios na floresta (...) ameaçavam romper-nos o aliás tímpano do ouvido.(...) Imaginem-se as mais detestáveis contrações musculares, sem cadência, os mais indecentes requebros das pernas e braços seminus, os mais ousados saltos, as saias

esvoaçantes, a mímica mais nojenta, em que se revelava a mais cruel volúpia carnal-tal era a dança em que, desde o começo, as graças se transmutavam em bacantes e fúrias. (...).⁸

A ilustração 04 e o relato do viajante Carl Siedler serão analisadas conjuntamente. As representações abordam os primórdios do carnaval africanizado⁹ do Sul do Rio Grande do Sul. A aquarela do viajante alemão nos remete a este tipo de carnaval por volta da década de 1820. Conforme Maia em sua tese existe uma diferença de mais ou menos trinta anos entre o registro visual e o textual. Tanto a aquarela quanto a visão eurocêntrica do viajante podem e devem estar relacionadas.¹⁰

Pode-se considerar que esse modo de olhar e narrar exposto pelos estrangeiros é típico da cultura de oitocentista, apresentada de uma forma poética, carregada de estranhamentos de um olhar exótico. Percebe-se que estas representações foram responsáveis pelo tom peculiar de observar, retratar, analisar e descrever tudo aquilo que fosse diferente do velho mundo, mesmo que para isso estes estrangeiros apresentassem em seus relatos a essência de sua cultura e visão de mundo. Ainda assim, são fundamentais estes registros, quase únicos, sobre o carnaval africanizado em Pelotas.

Todavia, considera-se hoje que a aquarela de Hermann Rudolf Wendroth e o relato de Carl Siedler, bem mais do que mostrar o olhar exógeno europeu, serve para evidenciar que a festa africanizada pelotense teve sua gênese nos barulhos realizados pelos negros no intervalo da produção de charque.

Em nossa pesquisa de TCC, percebeu-se que nesse carnaval africanizado realizado nos arredores da cultura charqueadora deixou como herança duas importantes contribuições para períodos subsequentes. Primeiro, a utilização de bois para puxarem os carros alegóricos, conforme observação em algumas fotografias de carnavais pelotenses. Os clubes sociais Diamantinos e Brilhantes utilizaram-se de bois para puxar suas alegorias, diferindo assim dos clubes carnavalescos Venezianos e Esmeralda, de Porto Alegre, que utilizavam cavalos para conduzir suas alegorias. Pelotas foi talvez umas das poucas cidades, se não a única, a utilizar-se de bois como responsável pelo movimento dos carros carnavalescos no desfile. Adiante explicaremos o funcionamento desse carnaval realizado pelos clubes no espaço da rua. Segundo, a influência do batuque das charqueadas na musicalidade do carnaval mais contemporâneo. Alguns autores entendem que o tambor que era tocado com um sentido religioso e festivo durante o período do charque se transpôs para as baterias das escolas de samba de Pelotas. O tambor chamado “Sopapo” foi um instrumento que teve o declínio de seu uso nos anos setenta do século vinte, isto porque os músicos das escolas de samba passaram a se inspirar no carnaval de São Paulo e Rio de Janeiro, que na época passaram a ser transmitidos pela televisão. Segundo análises, o “Sopapo” foi um tambor utilizado somente nas baterias de Pelotas.

O carnaval de São Paulo, Porto Alegre e Pelotas e seus diferentes grupos sociais

A ideia apresentada por pesquisadores a respeito da formação do carnaval de rua pode ser contestada através de uma análise atenciosas nas imagens ora analisadas. Pelotas e São Paulo, por exemplo, apresentam grupos sociais distintos nas suas festas momo. Em ambas as cidades havia os carnavais elitizados (corso) dos clubes sociais, como pode se visto na Ilustração 05.

A burguesia das cidades maiores introduz, a partir de 1855 [para São Paulo], o carnaval veneziano, cópia do carnaval burguês italiano ou francês. Constava ele de bailes mascarados, realizados em hotéis ou teatros, e de desfiles luxuosos pelas ruas principais da cidade, quando então burgueses luxuosamente fantasiados desfilavam em carruagens, no corso, ou em carros alegóricos, nos préstitos das sociedades carnavalescas.¹¹

O curso de Pelotas aproxima-se também da festa de Porto Alegre. Essa forma de carnaval desenvolvida no início do século XX consistia em um desfile com automóveis e carros alegóricos que transportavam os carnavalescos fantasiados luxuosamente. Estes integravam os clubes sociais, que eram representados nos desfiles.

Mas a pesar da crescente força do carnaval eletizado, a camada popular através de sua criatividade foi elaborando formas próprias de festejar e brincar o momento do carnaval, por conta, disso se diferenciarão da forma “civilizada” de brincar. Começa a se organizar em Pelotas, em meados de 1882, através alguns escravos libertos, os clubes carnavalescos Nagô e Congo, que serviram como um instrumento de luta para a abolição da escravatura.

A partir de 1923 prolifera na cidade a presença dos cordões carnavalescos formados na sua maioria por ex-escravos e descendentes destes. Estes ranchos deram origem às Escolas de Samba atuais. A Ilustração 06 apresenta um exemplo destes cordões. Nestes observa-se que o tipo de fantasia sofre modificações: as colombinas, ciganas e pierrôs serão substituídos pelos pulhas, agora não apenas fantasiados, mas realizando uma sátira social. O luxo elitizado passou a ceder espaço para a criatividade da transfiguração humana.

Na ilustração observa-se que os componentes apresentam-se sem preocupação com o luxo, mas com o lúdico. As imagens desse período tentam passar uma idéia de alegria e movimento, apesar de serem propositalmente posadas.

E então começam a vir à tona representações “invisíveis” na rotina cotidiana da cidade. Seu lado popular, bizarro, grotesco, marginal e louco. Homens baixos ao lado de mulheres altas, homens magricela agarrados a mulheres obesas, Homens vestidos de mulheres, mulheres vestidas de homem, panças enormes sendo exibidas, as gírias, o suor dos corpos (...) os bêbados, os travestis, os bígamos, os adúlteros, os velhacos safados as prostitutas, os negros. A cidade durante o carnaval permitia tornar visível sua polifonia, quase imperceptível em sua rotina cotidiana.¹²

É importante ressaltar que as interpretações das imagens analisadas não visaram somente descrever os momentos apoteóticos da festa, mas visualizar as peculiaridades quando comparadas a outras cidades. Vê-se assim o carnaval de Pelotas em alguns momentos distinto e em outros, semelhante a outras cidades. Propositalmente, apresentamos um longo período de análise, pois as informações carnavalescas encontradas na cidade são poucas e dispersas. Julgamos importante analisar e compreender o processo carnavalesco da cidade de maneira geral, para posteriormente realizar um recorte definido de um momento único.

Comparar o carnaval de Pelotas através de imagens com outras cidades como Porto Alegre e São Paulo visou destacar a região da campanha onde a produção de charque era a principal atividade econômica, diferentemente das cidades capitais em questão. A riqueza advinda da produção charqueadora colaborou tanto para o carnaval veneziano da elite, quanto para a persistência, hoje, de traços do carnaval africanizado. É bem verdade que o carnaval de Pelotas não foi modelo para o país, todavia apresenta aspectos importantes para foco desse estudo que visou buscar nos registros deixado pelos próprios carnavalescos, possíveis novas interpretações da festa momo.

Anexos



Ilustração 01 Fonte: *Cabron*. Pelotas, 27 fev.1881. Caricatura sobre a introdução do entrudo na cidade de Pelotas. (Legenda atribuída)



Ilustração 02 Fonte: VON SIMSON, Olga de Moraes. *Carnaval em Branco e Negro: carnaval popular paulistano, 1914-1988*. São Paulo: Unicamp, 2007, p. 266.
O carro enfeitado de flores (...) leva as crianças da família devidamente fantasiadas para participar do desfile carnavalesco. Flores artificiais em guirlandas envolvem o veículo. (Legenda original)



Ilustração 03

Fonte: Disponível em: <<http://www.blogxavante.com/>>, Acesso em: 07/03/2001.

Comissão de Frente da Escola de Samba General Telles no carnaval de rua de Pelotas. A comissão narra em sua coreografia e fantasia a formação de um espírito Afroxavante que se formou na cidade ao longo dos seus duzentos anos. (Legenda atribuída)



Ilustração 04

Fonte: MAIA, Mario de Souza. *O SOPAPO E O CABOBU: Etnografia de uma tradição percussiva no extremo sul do Brasil*. 2008. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008, p. 63.

Dança de Negros. Aquarela de Hermann Rudolf Wendroth (Legenda original)



Ilustração 05

Fonte: VON SIMSON, Olga de Moraes. *Carnaval em Branco e Negro: carnaval popular paulistano, 1914-1988*. São Paulo: Unicamp, 2007, p. 278.



COMPONENTES DO "AGÜENTE SI PUDER" - ANOS 60

Ilustração 06

Fonte: Laboratório de Acervo Digital da Universidade Católica de Pelotas.
Componentes "Agüente se puder" - Anos 60 (Legenda original)

Referências Bibliográficas

ALAM, Caiuá. *A negra força da Princesa: Policia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)*. Pelotas: Edição do autor; Sebo Içaria, 2008.

BARRETO, Alvaro. *Dias de folia: o carnaval pelotense de 1890 a 1937*. Pelotas: Educat, 2000.

DINIZ, André. *Almanaque do Samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FERREIRA, Felipe. *O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GERMANO, Iris Graciela. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*. 1999. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História. IFCH/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1999.

KAUFMANN, Zunilda Maria Corrêa. *A trajetória do carnaval pelotense*. Dissertação (Mestrado) – Desenvolvimento Social. Universidade Católica de Pelotas, 2001.

LONER, Beatriz A.; GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, v. 35, p. 145-162, 2009.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. *Imagens da Sociedade Porto-Alegrense: vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930)*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

MAGALHAES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas 1860-1890*. Pelotas: UFPel, 1993.

MAGALHÃES, Mario Osório. *História e Tradição da Cidade de Pelotas*. Pelotas: Armazém Literário, 1999.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Pelotas: toda a prosa*. Pelotas: Armazém Literário, 2000.

MAIA, Mario de Souza. *O Sopapo e o Cabobu: Etnografia de uma tradição percussiva no extremo sul do Brasil*. 2008. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINHEIRO, Marlene M. Soares. *A travessia do Avesso: sob o signo do carnaval*. São Paulo: Annablume, 1995.

VON SIMSON, Olga de Moraes. *Carnaval em Branco e Negro: carnaval popular paulistano, 1914-1988*. São Paulo: Unicamp, 2007.

¹ Conforme chama a atenção a historiadora Sandra Pesavento, uma forma de compreender a representação seria dada pela exposição de uma imagem, que substitui algo/outro, ou mesmo pela exibição de objetos ou ainda por uma performance portadora de sentidos que remetem a determinadas ideias. (PESAVENTO, Sandra Jatahy *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.: 48)

² MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. *Imagens da Sociedade Porto-Alegrense: vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930)*. São Leopoldo: Oikos, 2009, p. 31.

³ *Cabרון*, Pelotas, fev. 1879, ano II, nº 157, p. 2 - 3. Cabe nesse momento salientar que esta citação do jornal não teve sua grafia atualizada.

⁴ MAGALHÃES, Mario Osório. *História e Tradição da Cidade de Pelotas*. Pelotas: Armazém Literário, 1999, p. 10.

⁵ Essa influencia é tipicamente portuguesa. Conforme Felipe Ferreira o entrudo será um carnaval antes do “carnaval” e foi trazido para o Brasil pelos primeiros colonizadores portugueses (...) acabou se tornando em um grande festejo, uma verdadeira mania nacional. (FERREIRA, Filipe. *O Livro Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 76.)

⁶ Com o forte desenvolvimento econômico proporcionado pela charqueadas o povoado foi elevado em 1812 a Freguesia de São Francisco de Paula, dezoito anos depois atinge a condição de vila e em 1835 alcança a categoria de cidade.

⁷ ALAM, Caiuá. *A negra forca da Princesa: Policia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)*. Pelotas: Edição do autor; Sebo Içaria, 2008.

⁸ MAGALHÃES, Mario Osorio. *Pelotas: toda a prosa*. Pelotas: Armazém Literário, 2000, p. 38.

⁹ Expressão utilizada por: MELLO, Marco Antônio Lírio de. *Reviras, Batuques e Carnavais. A cultura de resistência dos Escravos em Pelotas*. Pelotas: UFPel, 1994.

¹⁰ MAIA, Mario de Souza. *O Sopapo e o Cabobu: Etnografia de uma tradição percussiva no extremo sul do Brasil*. 2008. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

¹¹ VON SIMSON, Olga R. Moraes. *O carnaval em Branco e Negro: 1914-1988*. Campinas: UNICAMP, 2007, p. 23.

¹² GERMANO, Iris Graciela. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*. 1999. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História. IFCH/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1999.